

DE DENTRO PRA FORA E DE FORA PARA DENTRO

Considerações sobre uma observação peculiar
no jardim de casa durante a pandemia

Catarina Mattos Cavallari



De dentro pra fora e de fora para dentro.

(Considerações sobre uma observação peculiar no jardim de casa durante a pandemia.)

Catarina Mattos Cavallari

Trabalho realizado sob a orientação da Profa. Dra. Adriana Friedmann, em exigência parcial, para a obtenção do certificado de especialista, como concluinte do curso de Pós-Graduação Lato Sensu "A vez e a voz das crianças: a arte de escutar e conhecer narrativas, linguagens e culturas infantis"

Ano 2021

RESUMO

O presente trabalho foi realizado em meio a pandemia de 2020/21 do Covid-19. Neste contexto de isolamento total a autora comenta seu processo interior ao tentar se distanciar do papel materno, saindo da área pedagógica para se aproximar da antropologia da infância.

Registra, por meio de fotos, textos e comentários as brincadeiras de sua filha de três anos e meio no jardim de sua casa. Apoiada em diversos autores da antropologia, psicologia, pedagogia e filosofia revela a potência das brincadeiras com elementos da natureza, a importância do tempo absolutamente livre e questiona a interferência constante do adulto.

PALAVRAS-CHAVE: Antropologia da infância. Pandemia 2020/21. Brincadeiras no jardim. Natureza.

ABSTRACT

The current study was undertaken during the 2020/21 covid-19 pandemic. In this context of total isolation, the author relates her interior process while attempting to distance herself from her role as mother, exiting the pedagogical region, while approaching that of the anthropology of infancy.

The author registers, using photographs, texts, and comments, the play activities of her three and a-half year old daughter in the garden of her home. Backed by the works of several authors from the anthropological, pedagogical, psychological, and philosophical fields, the author reveals the power of the child's play activities when interacting with Nature and the importance of absolutely free time. Finally, she questions the appropriateness of constant adult interference in the child's activities.

KEYWORDS : Pandemic. Anthropology of infancy. Garden. Nature

Nossa pós iniciou- se presencialmente, no aconchego da Casa e da turma. Com a pandemia fomos obrigados a nos distanciar e nos encontrarmos apenas via tela.

Meus agradecimentos sinceros vão para esta turma que não soltou a minha mão para que eu pudesse e, principalmente, quisesse continuar neste processo de conhecimento interno, nos mergulhos de estudo e neste novo caminho que se abriu para mim.

O apanhador de desperdícios

Uso a palavra para compor meus silêncios.

Não gosto das palavras

fatigadas de informar.

Dou mais respeito

às que vivem de barriga no chão

tipo água pedra sapo.

Entendo bem o sotaque das águas

Dou respeito às coisas desimportantes

e aos seres desimportantes.

Prezo insetos mais que aviões.

Prezo a velocidade

das tartarugas mais que a dos mísseis.

Tenho em mim um atraso de nascença.

Eu fui aparelhado

para gostar de passarinhos.

Tenho abundância de ser feliz por isso.

Meu quintal é maior do que o mundo.

Sou um apanhador de desperdícios:

Amo os restos

como as boas moscas.

Queria que a minha voz tivesse um formato

de canto.

Porque eu não sou da informática:

eu sou da invencionática.

Só uso a palavra para compor meus silêncios.

ÍNDICE

1- Meus caminhos até aqui...	09
2- Observar os filhos é um trabalho antropológico?	13
Ferramenta para distanciar	16
2.1- Um pouco mais sobre o processo de escrita...uma limpeza particular	18
Colocando um funil nas observações	20
3- Agora é para valer....	24
3.1- “Ir e vir...”	28
3.2- “Testes no jardim ”	32
3.3- Buscando por aí....	35
3.4- Formas circulares nos enfeites	40
3.5- O olhar sobre o belo	43
3.6- E quando termina o processo dos enfeites?	45
4- Gaia com ela mesma	46
5- Reflexões	48
6- Bibliografia	53



MEUS CAMINHOS ATÉ AQUI...

“Meu quintal é maior do que o mundo.

Sou um apanhador de desperdícios:

Amo os restos

como as boas moscas.

Só uso a palavra para compor meus silêncios”

Dou aula desde os 18 anos, antes mesmo de entrar na faculdade de Pedagogia da PUC, tenho mãe educadora, tia educadora e uma avó que me passou um mundo de ensinamentos.

Mas minha mãe, tia e avó longe do estereótipo de educadoras, sempre queriam e buscaram na vida algo fora do comum, fora da caixinha, como dizem por aí.

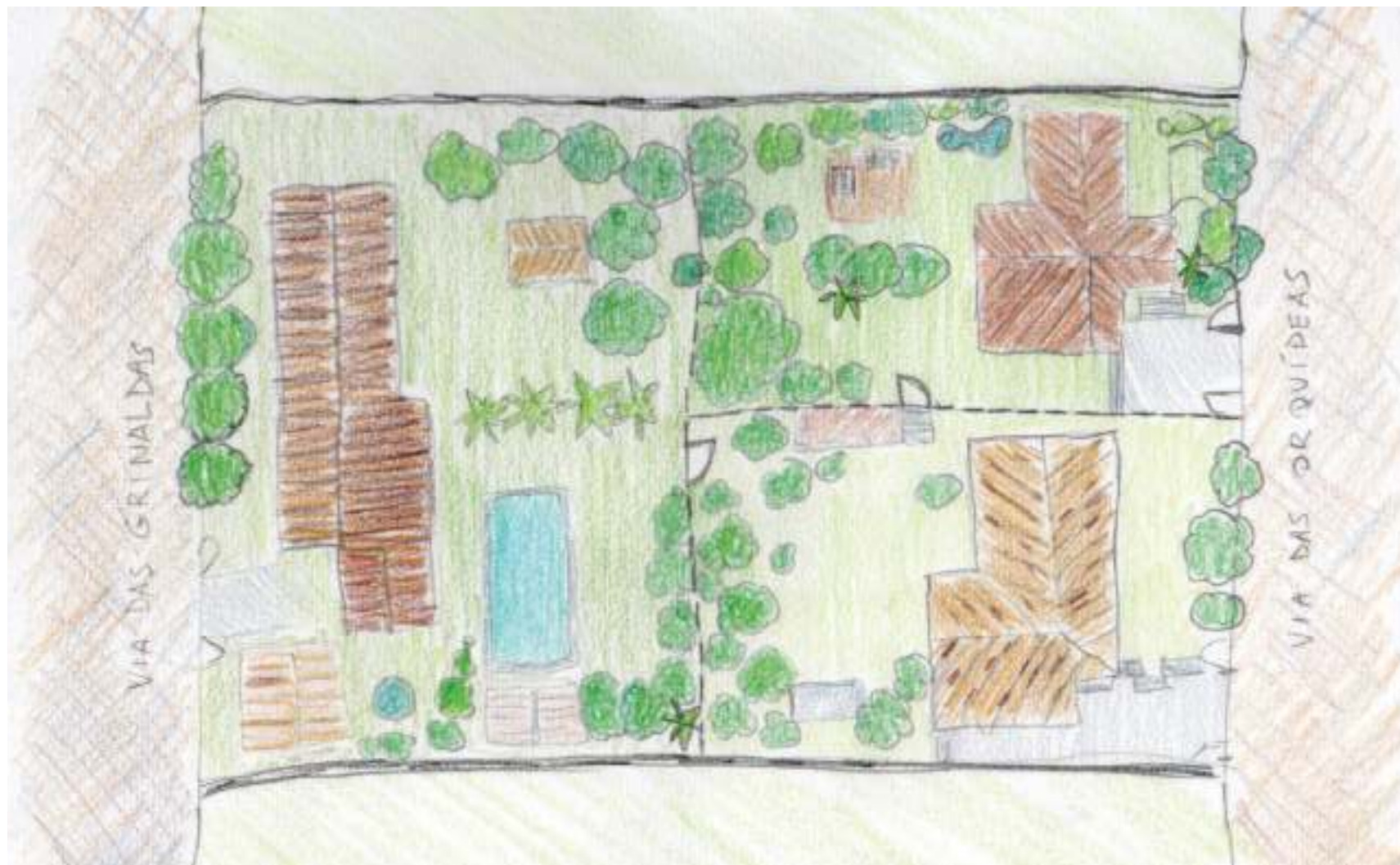
Minha avó Zoca nunca trabalhou com educação, mas sempre me incentivou a fugir dos modelos: “minha filha, não case, namore muito!”, “vá viajar!”, “não precisa fazer o que não quer ”- me dizia frequentemente.... Costurava, cozinhava, mas na cerâmica deixou a sua marca. Criava peças completamente alheias a tudo: lagartos e animais malucos, potes enormes, xícaras nas quais não cabia quase nada dentro, bolas, muitas bolas de muitos tamanhos, coleções enormes de pratos quadrados, travessas com fundo de vidro que se derretiam na alta temperatura, a cada fornada uma aventura!

Minha tia querida Suca, artista. Cresci com os quadros dela pela casa, quadros de todos os tamanhos e de todas as fases, de todas as cores, ou não. Ceramista também, tudo na maior delicadeza, apesar da força e da exigência do barro. Professora e criadora de uma concepção de ateliê de artes livre dentro de uma escola particular de referência da zona oeste de São Paulo: defende que os alunos devem poder se expressar em diferentes linguagens e estas devem estar disponíveis para o percurso individual de cada um, sem tempos, sem direções, apenas possíveis caminhos e muito espaço para pesquisas individuais.

Minha mãe, pedagoga também. Em um determinado momento, apesar da garantia dos filhos com bolsa na escola e da carreira que se mostrava promissora, largou tudo e virou psicopedagoga. Quando eu estava no magistério, ela já começou a me mostrar o que vale na educação: são as crianças e seus processos individuais. “Planejamento? Planejamento serve para sair dele!”. Mexeu seus pauzinhos para que já no magistério eu fizesse estágios em escolas diferenciadas de São Paulo, como a Casa Redonda e a Escola Ágora (escolas que meus filhos frequentam atualmente).

A casa em que morei até casar era divisa com a casa desta minha tia e a casa da minha avó. Crescemos (6 netos) passando de um portão para outro, as três casas interligadas com seus grandes jardins no meio. Cada casa tinha suas regras e suas condutas, mas sabíamos direitinho como se portar em cada uma.

Cresci, continuei firme na área da educação, fui dar aulas em vários lugares, diferentes tipos de experiências. Casei, tive meus filhos em São Paulo, mas quando a caçula estava com seis meses, magicamente compramos a casa da minha avó (que já havia falecido fazia tempo e estava alugada) e voltamos para as três casas da minha infância: vizinhos da minha mãe e da minha tia.



Planta das três casas interligadas. Minha casa (antiga casa da minha vó) vizinha com a casa da minha mãe na Via das Orquídeas e a casa da minha tia no fundo do terreno das duas casas com a entrada para a Via das Grinaldas. Todas com portãozinhos interligando-as. Desenho feito pelo meu irmão mais velho Marcelo, especialmente para este trabalho.

Agora, são meus filhos que cruzam pelos portões e passam pelos jardins entre as três casas. Minha mãe no papel absoluto de vó, não tem os bolos nem os pães, nem a cerâmica (como eu tive), mas tem invenção, gambiarra e muita criatividade, oh, se tem!

Brinco que sou local, sou raiz do Colibri, nome do nosso bairro, meus filhos sentem da mesma forma. Pertencemos a este lugar. A vizinhança da rua são os mesmos moradores da minha época de infância, todos me conhecem, conhecem meus filhos, meus pais e conheceram meus avós também.

Com um pé dentro da escola de educação formal e com um pezinho fora com os exemplos das minhas educadoras (incluindo a minha avó), vim fazer a pós A Vez e a Voz para ver as crianças e as infâncias por um outro viés que não fosse tão determinante, ou excludente, como muitas vezes é o olhar pedagógico. Na minha cabeça sempre existiu um questionamento grande a respeito do meu papel como professora/coordenadora: Onde estão as crianças neste planejamento? Estou preparando algo para mim ou para elas? Os objetivos, competências, procedimentos a serem alcançados estão claros, mas qual o papel e a força do estudante dentro disso tudo?

Na pós veio o chacoalhão interno: “olhar para dentro para depois olhar para fora”, sair da pedagogia e pensar na antropologia como forma de conhecer o outro.

No momento da Pós graduação de olharmos para fora com os diversos autores lidos para enfim colocarmos em movimento as nossas pesquisas e borbulhas internas com a observação do campo, veio a pandemia

Estava de volta ao meu bairro, a minha casa (casa da minha avó) fazia 4 anos quando o mundo virou de cabeça para baixo! Entramos em lockdown para nos protegermos o que não me deu alternativa: olhar para dentro novamente. O trabalho de pesquisa no campo acabou sendo por aqui mesmo, longe de qualquer região desconhecida ou de pessoas desconhecidas, o meu trabalho foi junto dos meus. A pesquisa se passou neste mesmo jardim em que cresci e crio os meus filhos, neste espaço que é o meu quintal há mais de 35 anos, neste meu quintal que é maior do que o mundo.

Para a minha pesquisa antropológica foquei no livre brincar de minha filha no nosso jardim. Reduzi as minhas observações para este espaço já que nestas brincadeiras a calma e a tranquilidade reverberavam em mim também. No semestre em que observei com este propósito mais específico de enxergar além do que via todo o dia.

OBSERVAR OS FILHOS É UM TRABALHO ANTROPOLÓGICO?

Havia um interesse particular meu, no início da Pós (antes do mundo pandêmico) em observar crianças que estavam sendo sempre dirigidas por adultos: nas escolas por professores e bedéis na hora do recreio, nos clubes pelos professores de esportes e babás, nas festas com monitores e assim por diante. Como elas se expressavam? Como conseguiam demonstrar seus próprios interesses e em quais circunstâncias estes interesses pessoais eram atendidos? E como estas crianças ficavam quando não havia, um adulto para direcioná-las?

Não tinha como fazer a pesquisa dentro deste interesse inicial com a pandemia assombrando, tive que mudar de rota e pensar em um plano B, estava confinada em casa com meus dois filhos.

Confesso que fiquei na dúvida: observar os próprios filhos seria mesmo um trabalho antropológico.

Corsaro (2005, pág 443) comenta a respeito deste desafio:

“Outros ainda argumentam que estudar as suas próprias crianças, os pais como investigadores (Adler & Adler, 1998) pode obviar muitos dos desafios e ultrapassar a necessidade de constituir o que designam por “investigador-de-ocasião” e, portanto, uma espécie de relação artificial). Todavia, para mim, a estratégia dos pais como investigadores levanta uma série de conflitos de papel que excedem a sua utilidade prática”. ”

13

14



Eu e meus filhos na escada que dá acesso ao jardim da minha mãe.

Como me distanciar e não deixar a relação “mãe-filho” ser influenciadas nesta observação? Como livrar-me das nossas dinâmicas e relações estabelecidas para que eu pudesse olhar suas brincadeiras de outra forma, inteiramente nova? Fazer uma pesquisa com a própria filha é uma pesquisa etnográfica?

Segundo a antropóloga Adriana Friedmann (2011, pág 32) :

“O ofício do antropólogo tem, como principal característica, a capacidade de desvendar ou interpretar evidências simbólicas, às quais ele só pode ter acesso por meio de representações, visões do mundo ou da ideologia do grupo estudado: necessidade de estabelecer conexão fecunda entre seu horizonte histórico- cultural e o ponto de vista do nativo- aspecto- chave da pesquisa antropológica”.

15

Ela ainda completa defendendo que a “antropologia volta-se para o papel do outro, de um grupo social distante do pesquisador que pode ser, em segundo momento o seu próprio grupo” (2011, pág 32).

Como mãe promovo e contribuo para o repertório cultural, formação e educação dos meus filhos (por exemplo: escolho os livros a serem contados, as comidas oferecidas, as explicações acerca do mundo e por aí vai). Para Clarice Cohn (2013, pág 21): “a criança é um ator social e produtora de cultura”. Mas como eu poderia fazer uma separação do que é repertório dos meus filhos e o que faz parte do meu repertório? Seria possível fazer esta separação? Como separar a minha influência sobre meus filhos para poder observá-los?

Apesar de todas estas perguntas pulsando na cabeça e indo na contra – mão, decido que não há jeito de observar outras crianças que não fossem as minhas neste momento. Decido então, observar minha filha caçula, Gaia, de quase 4 anos nos seus momentos do livre brincar no jardim, momentos estes em que se encontra sozinha por longos períodos, sem interferências ou direcionamentos de adultos, dando assim uma virada na pesquisa inicial: a potência do livre brincar sem companhia, na solidão, em um espaço de natureza.

FERRAMENTA PARA DISTANCIAR...

Quando decidi que iria mesmo manter a pesquisa baseada na minha filha, percebi que não poderia brincar com ela nos momentos em que ela estava brincando, teria que ter um distanciamento, inclusive físico, para poder re-olhar, não interferir e, se possível, não desempenhar o papel de mãe!

Segundo a antropóloga Clarice Cohn (2013, pág 10):

“a etnografia é um método e que o pesquisador participa ativamente da vida e do mundo social que estuda, compartilhando seus vários momentos, o que ficou conhecido como observação participante”.

16

Percebi que o meu caminho e as minhas anotações ainda tinham um viés forte da pedagogia no qual as explicações, fundamentações sobre faixa etária, objetivos, competências, habilidades etc. ficavam me rodeando enquanto observava. Ainda não estava no mergulho antropológico.

Então, para tentar me desprender e conseguir olhar, escutar, sentir e perceber aquelas brincadeiras potentes de outra forma, passei a filmar e fotografar as brincadeiras, sem questionamentos, sem “perseguição”, sem intromissão. O celular foi a ferramenta que encontrei para poder distanciar e construir este caminho etnográfico dentro da antropologia.

Para Corsaro (2002, pág1):

“Independentemente da posição de cada um acerca do grau de participação, é necessária documentação [para formalizar] para a entrada, a aceitação e participação em estudos etnográficos, por várias razões. Muito obviamente, tal documentação permite prevenir possíveis efeitos disruptivos do processo de pesquisa no normal desenrolar das rotinas e práticas culturais. Aqui a preocupação vai além do grau de participação para o registo dos efeitos das práticas da rotina de recolha de dados (como a entrevista informal, registos, gravação audiovisual e recolha de artefactos). Em segundo lugar, e de um modo mais sutil, uma vez que a entrada, aceitação e participação são processos com histórias em desenvolvimento, o seu registo fornece elementos acerca dos processos produtivos e reprodutivos nas culturas locais.

Então, toda vez que via Gaia absorta em uma brincadeira no jardim, pegava meu celular e de longe a filmava e fotografava para a minha documentação.

Com a possibilidade de rever o vídeo gravado e re-olhar as fotografias, comecei a perceber o tempo em que ela ficava nesta brincadeira sozinha, as pequenas falas e músicas inventadas na hora, a concentração e a possibilidade de retorno à brincadeira caso fosse interrompida por algum motivo (cachorro, irmão mais velho...), as posições do seu corpo e a busca precisa pelos elementos essenciais para o brincar.



Enfeite 1: Na foto, Gaia faz uma ginástica com seus dedinhos para manter de pé a estrela que ela fez. As pedras azuis foram as primeiras a serem colocadas na caixa de ovo, depois vieram: a única vela, o único fio de lã vermelho, o único lápis de cor azul, a única flor, a única estrela e os papezinhos espelhados. Neste "enfeite", para mim, fica a marca da unidade como essencial e no seu devido lugar.

UM POUCO MAIS SOBRE O PROCESSO DE ESCRITA... UMA LIMPEZA PARTICULAR

Como professora e coordenadora, escrevo relatórios de observação de crianças, com o olhar pedagógico há vinte anos. Cada bimestre fazia e “arrumava” pelo menos 20 relatórios.

18 Para os relatórios de Educação Infantil as palavras (já que não são boletins com notas, ainda bem!) são cuidadosamente escolhidas. Descrevo o aluno perante os objetivos do bimestre (alcançados ou não), perante o desenvolvimento particular da própria criança e como ela está perante o ritmo do grupo classe. Desta forma, sempre opto por fazer um relatório descritivo: mostro as reações da criança perante um desafio (intelectual ou social), reescrevo falas do grupo e a participação desta criança neste contexto, descrevo a criança no parque com suas escolhas. Confesso que depois de tanto tempo fazendo este tipo de descrição, há frases, pequenos parágrafos que me salvam de “sinucas de bicos” e que uso regularmente. Afinal, meus leitores são os pais, a criança está apenas começando a sua vida escolar, acabou de sair do núcleo da casa, da família.

Assim, uma das grandes dificuldades ao começar a escrever o trabalho de conclusão de curso da pós “A vez e a voz das crianças” foi não cair nos meus lugares comuns de escrita e nas descrições práticas que faço enquanto professora ou coordenadora.

Na minha primeira versão do TCC, que considerava pronta, descrevia os atos da minha filha para o leitor com o intuito de que compreendesse exatamente o que estava vendo e juntamente com esta descrição colocava uma teoria para justificar o que estava vendo e até sentindo (!). Mas, como nos relatórios pedagógicos: fiquei em “cima do muro”, minha opinião, meus sentimentos, meus encantamentos e surpresas não estavam aparecendo no texto, havia o distanciamento da minha profissão de pedagoga. Não fui capaz de perceber isto sozinha, após distribuir o meu texto para as educadoras da minha vida (minha tia e minha mãe), elas me perguntaram: Cadê você? Seus questionamentos? Suas opiniões e sentimentos? Não se coloca em um trabalho como este?

Voltei ao texto, que achava estar praticamente pronto, e vi as amarras de longos anos neste processo de relatórios enviados aos pais. Chamei este processo de re-olhar o meu texto de “limpeza”.

Para Adriana Friedmann (2011, pág 43):

“Quem observa, precisa estar muito conectado para adentrar a interioridade da brincadeira: conectado não somente com a situação e reações dos brincantes, mas com suas próprias percepções, insights e emoções. Ao mesmo tempo, há desafios que se lhe apresentam: não interferir, não julgar, ser o mais objetivo possível com relação ao que acontece; e, concomitantemente ser o mais subjetivo possível com relação ao que se sente”.

Acredito que ainda não consegui por completo, é o começo de um novo lugar para mim: de antropóloga? Lugar aflorado pela Pós e pela minha querida professora e orientadora Adriana Friedmann onde o subjetivo, a sensação e a sensibilidade fazem parte no processo de observação que envolve (para) quem observa e quem é observado.



Livros lidos durante o processo de limpeza.

COLOCANDO UM FUNIL NAS OBSERVAÇÕES...

*“Tenho em mim um atraso de nascença.
Eu fui aparelhado
para gostar de passarinhos.
Tenho abundância de ser feliz por isso”.*

Neste nosso quintal (no qual ficamos sem sair por 9 meses no período de pandemia) há árvores de diferentes espécies, algumas mais novas e frutíferas (jaboticabeira, mexeriqueira, pé de acerola, limão) outras mais antigas com galhos grossos e fáceis de se escalar. Há uma pequena área com um barro mais mole no limite do jardim e um local delimitado onde todos os experimentos e invenções (pequenas fogueiras, fábrica de terra e outras melecas) podem ser feitos e testados pelos meus filhos: Gaia e Enrico, 4 anos mais velho.

Durante a observação da Gaia estávamos no meio do lockdown por conta do Covid 19, os adultos da casa (meu marido e eu) adaptando os nossos trabalhos para podermos fazer de casa, isto é: em casa, mas não disponíveis (apenas nos finais de semana, como sempre foi), Enrico teve sua escola transportada para a casa via aulas virtuais, ficava diariamente, pelo menos, duas horas na frente do computador tendo aula.

Vale ressaltar que havia grandes momentos do dia, praticamente todas as tardes, nas quais ela desfrutava de outras crianças: o irmão Enrico, o vizinho de 6 anos e a prima de 5 anos. As brincadeiras aconteciam de forma intensa por aqui: como caçula da turma (assim como eu sempre fui na infância) acompanhava e era incluída de forma real nas brincadeiras. Mas não foi em momentos coletivos que fiquei interessada em fazer a pesquisa, foi nos momentos em que Gaia estava sozinha (por opção, quando cansava das outras crianças ou quando todos os outros da casa e vizinhança estavam ocupados nos seus afazeres e ela teve que fazer algo por si só) no nosso jardim.

Segundo, Le Breton (2016, pág 32) :

“A experiência sensorial e perceptiva do mundo se instaura na relação recíproca entre o sujeito e seu ambiente humano e ecológico. A educação, a identificação com as pessoas mais próximas, os jogos de linguagem que nomeiam os sabores, as cores, os sons etc., aperfeiçoam a sensibilidade da criança e integram sua aptidão de intercambiar seus ressentidos com seu entorno, fazendo-se compreender, relativamente, pelos membros da sua comunidade. A experiência perceptiva de um grupo se modula através dos intercâmbios dos outros e da singularidade de uma relação com o acontecido. Na origem de toda a existência humana o outro é condição do sentido, isto é, o fundamento do vínculo social. Um mundo sem outrem é um mundo sem vínculo, fadado ao não sentido.

Nos momentos de brincadeira do jardim em que está sozinha (às vezes por opção e às vezes por circunstâncias do momento), sabe que tem um “muro de arrimo” familiar que faz com que suas descobertas, trocas e pesquisas sejam incentivadas e escutadas mesmo quando não estamos por perto ou fazendo junto



Gaia fazendo uma grande construção no jardim com troncos e cascas de árvores e uma grande folha da embaúba. Quando terminou ela me contou que era um restaurante para os cachorros.

Clarice Cohn (2013, pag. 33) em seu texto a Antropologia da Criança, defende que :

“A criança não sabe menos, ela sabe outra coisa. Isso não quer dizer que a Antropologia da Infância se confunda com análises do desenvolvimento cognitivo; ao contrário, dialoga com elas. A questão da antropologia, não é saber em que condição cognitiva a criança elabora os sentidos e significados e sim a partir de que sistema simbólico o faz”

Sendo assim, desta vez minha observação de criança não se dará em análises baseadas em etapas do desenvolvimento infantil ou em zonas de desenvolvimento proximais, mas sim a partir de como ela refaz o sentido do mundo que a rodeia.

Considero uma poesia a Gaia no jardim: anda, fala com ela mesma, ri, encontra pequenos seres (formigas, aranhas, minhocas, lagartas) e acompanha-os, interage com os grandes cachorros da casa e com cada um de uma forma, olha para o chão e para as arvores em busca de elementos para seus “enfeites” (nome que dá para suas produções e que usarei ao longo do trabalho). Mas, por que tanta especificidade ao escolher os elementos da natureza para seus “enfeites”? Por que escolhe ficar sozinha? Este brincar sozinha mobiliza algo? E para terminar: o que é escolha legítima dela e o que é consequência deste ano tão adverso em que não pode sair de casa?

AGORA É PRA VALER

*“Uso a palavra para compor
meus silêncios.*

*Não gosto das palavras
fatigadas de informar.*

*Dou mais respeito
às que vivem de barriga no chão
tipo água pedra sapo”.*

A exploração do mesmo espaço feita por Gaia por aproximadamente 9 meses, sem se ausentar um dia, mostrou como a relação da brincadeira na natureza se dá por diversos caminhos.

Maria Amélia Pinho Pereira (2013, 112) defende que :

“Brincar na Natureza expressa um papel vital na manifestação da alegria, da espontaneidade e da capacidade criativa do ser humano ao inventar suas próprias brincadeiras, desafiando seu corpo em crescimento, criando seus vínculos nas parcerias que são construídas num espaço que permite o exercício de a criança ser criança”.

A exploração com diversos elementos da natureza: água, terra, folhas, gravetos, sementes, paus estavam presentes todo dia, toda a hora e em todas as brincadeiras e de diversas formas.

No livro, A última criança da Natureza, Richard Louv (2016, pág. 108) também fundamenta a necessidade do brincar em ambientes naturais:

“Ambientes naturais são essenciais para o desenvolvimento infantil saudável porque estimulam todos os sentidos e integram o brincar, informal, com o aprendizado formal. De acordo com o Moore, experiências multissensoriais na natureza ajudam a construir “as habilidades cognitivas necessárias para o desenvolvimento intelectual contínuo” e estimulam a imaginação ao oferecer para a criança o espaço e os materiais para o que ele chama de a arquitetura e os artefatos das crianças. Espaços e matérias naturais estimulam a imaginação sem limites das crianças e servem como meio para a inventividade e a criatividade observáveis em quase todo grupo que brinca em um ambiente natural”.

Vejo a potência da inventividade e criatividade e o exercício de criança ser criança enquanto Gaia brinca com os elementos diversos do jardim: tudo vale, tudo é permitido. Não vejo uma sequência planejada para a brincadeira, como: primeiro encontrar um lugar, depois organizá-lo para depois brincar. Tudo já é a brincadeira: a procura, a pesquisa, as descobertas que vão dando sentido ao que está pensando e criando no momento. As interferências externas, os achados, os desafios fazem parte deste momento de conexão do espaço com, o que me parece, algo interno dela.



Folha de ouro com pedras preciosas.

Enquanto ela brinca, ela fala muito sozinha: faz diversas entonações e tipos de vozes. Como se tivesse mais de um personagem na brincadeira e para diferenciá-los é comum ela falar fazer diferentes tons de voz: “**Vem amigo!**” e na sequência com outro tipo de voz ela mesma responder: “**Está bem, já estou indo!**”.

Quando encontra algum elemento no jardim que fará parte da brincadeira, é possível escutá-la explicando para si mesma (ou seria para seus personagens/parceiros invisíveis da brincadeira?) como será o uso do novo elemento.

Assistindo as filmagens vejo folhas amarelas pelo chão e ela já entretida com uma narrativa entre falar com ela mesma e correr, mas de repente, em um momento específico ela olha uma folha amarela no chão... e então esta folha amarela passa a ser o elemento mais importante da brincadeira. A partir deste momento todas as pequenas falas, sempre com ela mesma, giram em torno do elemento encontrado. Fica por um tempo de cócoras, em silêncio, procurando algo no chão. Vejo pequenos carvões misturados com pequenas pedrinhas, para meus olhos todos iguais, mas seleciona um a um com cuidado, sabe o que quer. Até que vem a fala: “**Amigo, o ouro tinha pedras preciosas dentro**”, “**Amigo, onde iremos guardar todo este ouro?**”. A preparação deste tal ouro com seus elementos preciosos (no caso carvão e um pequeno pau que cabem perfeitamente na folha) passam a ser o novo foco da brincadeira com os inúmeros diálogos entre ela mesma.

Este jogo de falas que cria entre ela mesma e seus personagens imaginários me mostra este mundo interno que desabrocha ao brincar. Só nestes momentos em que está absorta na brincadeira que inventa estas vozes e os diálogos aparecem com muita naturalidade. Não vejo pesar na sua fala ou na expressão de seu rosto, que possa mostrar tristeza por estar sozinha. Nestes momentos a sinto plena se conectando com seu entorno e com ela mesma.

IR E VIR

*“Entendo bem o sotaque das águas
Dou respeito às coisas desimportantes
e aos seres desimportantes.
Prezo insetos mais que aviões.
Prezo a velocidade das tartarugas”.*

Sempre descalça, Gaia não se importa com as pedrinhas pelo chão ou com a grama molhada, senta onde tiver que sentar para poder se posicionar melhor, absolutamente confortável no espaço.

Gaia se coloca desafios corporais com os elementos do próprio jardim: subir mais alto na árvore, se equilibrar em um pau que acha no chão do jardim, tentar se pendurar com apenas as pernas na árvore... quando consegue algo que se dispôs a tentar fazer, comemora e vibra com ela mesma.

Segundo Maria Amélia Pinho Ferreira (2013, 98) :

“Experimentar-se em movimento é sua linguagem de conhecimento. A criança é eminentemente um ser que explora, experimenta e transforma o ambiente em que vive através da inteligência de seu corpo. Privada dessa experimentação livre, a criança deixa de exercer sua dignidade como espécie humana em evolução. Movimentos espontâneos brotam de camadas muito profundas, revelando infinitudes de gestos que estão ali encobertos a espera do momento propício de se revelar. É brincando que ela desenha no seu espaço vital ritmos que vão afirmando sua singularidade. É neste exato momento que o Brincar cumpre sua função transcendente, ordenando os elementos singulares em um espaço que se liberta do cotidiano e, suspendendo o tempo, cria outra realidade. Esse corpo que brinca carrega o mistério da espontaneidade e naturalidade como linguagem humana de origem”.

29

Percebo um movimento intenso do uso do corpo para se relacionar com os elementos do jardim e entrar em contato com algo interno e externo, o corpo pulsa nesta descoberta e me faz pensar se não seria esta função transcendente citada acima por Maria Amélia.

Como defendem Saló e Barbuy(1977, pág: 45), no livro: Terra, água, ar, fogo – para uma oficina na escola inicial: “O corpo, como instrumento, está preparado para atender as próprias necessidades, para prover seu alimento, para defender-se para construir máquinas que ampliam sua ação. O corpo deve ser habilitado, provado e exercitado em suas capacidades básicas operativas: movimentos possíveis, força, precisão e resistência”.

Seu apoio para a brincadeira costuma ser o chão. É raro usar mesas ou cadeiras para suporte: tudo fica pelo chão. Quando quer algo um pouco mais elevado, prefere pegar alguns tijolos e empilhá-los a usar uma mesa.

Uma de suas posturas preferidas ao brincar é ficar de cócoras. Descalça, curvada como se estivesse inclinada para a terra e com o olhar de procura para o chão faz suas pequenas invenções, cria seus cenários, seus enfeites. Nesta postura que parece ser incrivelmente confortável a ela, ela recolhe seus materiais dando pequenos passos (ainda agachada) para frente, faz suas brincadeiras e buscas.

Nas fotos Gaia faz suas experimentações livres neste nosso jardim. Procura por elementos no jardim para seus enfeites, faz “comidinhas” e organiza as madeiras para imitar uma fogueira. Na postura de cócoras ela fica por um bom tempo confortavelmente perto do chão, suas mãozinhas e seus olhos trabalham sem parar. Seu corpo é sua ferramenta e o chão é o seu apoio.

30



Gaia usa seu corpo e sua força para conseguir arrastar um pesado galho de coquinhos no jardim da minha tia, faz tudo sem pedir ajuda.



Sua posição preferida: cócoras.

TESTES NO JARDIM

“Queria que a minha voz tivesse um formato de canto.

*Porque eu não sou da informática:
eu sou da invencionática”.*

Nesta infinidade de possibilidades entre ela e o jardim, faz também grandes explorações.

Gaia encontra um grande galho no jardim, fica por um tempo brincando de se equilibrar com ele no chão. Tenta carregá-lo mas não consegue, muito pesado e grande. Pede ajuda e diz o que quer fazer para o irmão mais velho: “Coloca o pau no meio desta árvore”, com esforço ele faz o que ela quer. Agora o galho equilibrado na árvore está um pouco mais leve, mas mesmo assim ela ainda não consegue mexer e chama novamente o irmão e explica o que quer fazer: “Quero fazer uma gangorra, mas não está dando certo”. Então, os dois juntos, vão aos poucos puxando o galho mais para cima, até que o galho pende e cai para o outro lado. Contentíssima diz: “acho que é agora, antes de cair!”.

Os dois sentam-se na gangorra para tentar fazê-la funcionar, mas a gangorra é desconfortável, impossível de sentar nela, logo desistem. Gaia começa a tentar andar no pau de um lado para o outro, tentando atravessá-lo como uma ponte. Quando chega exatamente no meio do pau, onde ele está apoiado na árvore, ela diz: “acho que vai tombar!”. É assim mesmo que acontece, o pau tomba, como uma gangorra, dá um sorriso e continua a andar para a outra extremidade do pau. No meio do caminho da “travessia” do pau, diz a si mesma: “Não é assustador!”, como se estivesse criando coragem para cruzar o ponto que desequilibra.

Aqui, paro para pensar em alguns pontos: a ideia de se fazer a gangorra com o pesado pau partiu da Gaia. No momento que não conseguiu sozinha, ela soube para quem pedir, não recorreu a mim que estava de longe ou chamou o pai que estava trabalhando. Chamou o irmão que por ali estava e que certamente investiria na ideia dela. Para mim, isto revela como as crianças sabem pedir ajuda quando realmente precisam e para quem. Nesta observação há também o fato dela se encorajar sozinha para atravessar o tronco, a força e a coragem “vem de dentro”, ela mesma conhece o seu potencial e fica completamente orgulhosa quando realiza o desafio proposto por ela mesma. Aqui em casa, ainda cabe dizer, que as crianças se propõem desafios quase sempre e nós permitimos que elas executem.

Para os inúmeros testes que Gaia faz no jardim, em vários casos ela tenta mais de uma vez: persiste na ideia até conseguir ou se não consegue o resultado esperado, ela inventa outra possibilidade.

}}

34



Gaia tentando abaixar o pesado galho para se sentar nele, depois de ter atravessado-o.

BUSCANDO POR AÍ....

*“Eu fui aparelhado
para gostar de passarinhos.
Tenho abundância de ser feliz por isso”.*

Dentre todas as relações que demonstra dentro desta temporada no nosso jardim, o que achei mais intenso foi a relação dela com a busca por elementos essenciais para suas construções, ou como ela mesma diz: seus enfeites. Uma busca silenciosa, onde de um chão com inúmeros elementos iguais há uma seleção criteriosa de quais escolher e como pegá-los.

Recorro à Antropologia dos sentidos, linha antropológica defendida por David Le Breton (2016, pág 14) :

“A Antropologia dos sentidos evoca as relações que os homens das múltiplas sociedades entretêm com o fato de ver, de sentir, de tocar, de ouvir ou de saborear”, “as percepções sensoriais são em primeiro lugar projeção de significados sobre o mundo. Elas são sempre uma paisagem, uma operação delimitando as fronteiras, um pensamento em ato sobre o fluxo sensorial ininterrupto que banha o homem. Os sentidos não são “janelas” sobre o mundo, “espelhos” oferecidos ao registro das coisas em total diferença com as culturas ou com as sensibilidades; eles são filtros que só retêm em sua peneira o que o indivíduo aprendeu a colocar nela ou o que ele justamente busca identificar mobilizando seus recursos. As coisas não existem entre si, elas são sempre investidas de um olhar, de um valor que as torna dignas de ser percebidas. A configuração e o limite do desdobramento dos sentidos pertencem ao traçado da simbólica social”.

36

Dentro desta linha o meu papel, como antropóloga, é me abrir para outras culturas sensoriais e outras maneiras de sentir ao mundo: Re-olho para este chão que piso todo os dias, com um olhar “alargado”, e através da Gaia vejo que ele passa a ser uma fonte inesgotável de possibilidades e riquezas nesta “peneira” em que utiliza mobilizando todos os seus recursos (o silêncio na busca, sua posição do corpo de cócoras debruçado, seus pés no chão em contato com a terra, sua delicadeza ao pegar os objetos e montar seus enfeites) para se comunicar.

Ao recolher seus elementos pelo chão com sua mãozinha, pega um a um, como se de fato estivesse pegando algo muito precioso que pudesse se desfazer e se quebrar. Tanto faz se o objeto recolhido seja pedrinha, pequeno pau, flor, sementinha. O cuidado era o mesmo.

Este momento de escolha e colheita dos elementos para a brincadeira pode ser acompanhado de pequenas músicas inventadas por ela, pequenas falas e muito silêncio. A busca dos elementos tem algo singular e muito especial, talvez seja a forma de compreensão do entorno, como defende Cecilia Salles em seu livro Gesto inacabado, processo de criação artística (2014, pág 68): *“A coleta sensível que o artista faz ao longo do processo, recolhendo aquilo que, sob, algum aspecto, o atrai. São seus modos de se apropriar do mundo.”*

Quando recolhe seus elementos para uma brincadeira ou para uma construção dos enfeites parece haver uma interrupção no tempo. Não tem mais a pressa,



Gaia nos seus momentos de coleta por elementos pelo chão, em um de seus inúmeros momentos de "levantar o tempo"

BUSCANDO POR AÍ....

ou agitação, da brincadeira ou do “ter que” deixar algo pronto para algo acontecer. É um momento dela se recolher e de se entregar. Maria Amélia Pinho Pereira(2013, pág 152), usa o termo “levantar o tempo” quando as crianças estão brincando e entretidas: *“O espaço e o tempo da criança não trazem divisões entre o mundo interno e o externo – o dentro e o fora- a capacidade de imaginação rompe as limitações do corpo e funciona como um veículo de expansão e construção do eu de maneira integrada”*

O momento de recolher e de criar algo com os elementos escolhidos é longo, pode durar meia hora, uma hora, nesta quietude de completa entrega.

Nestes períodos, onde parece que Gaia se desloca no tempo e no espaço, tenho uma vontade imensa de ser embarcada nesta brincadeira também, mas não como nós adultos brincamos quando estamos com crianças, brincar como criança brinca para poder conseguir se descolocar para outra dimensão de corpo e alma, como ela faz neste tempo próprio e fluido.

Um ponto que ainda gostaria de mencionar é a questão do tempo interrompido das crianças em suas pesquisas e processos pessoais. Quantas vezes estes processos são interrompidos, na maioria das escolas, para que outra atividade seja realizada (vale ainda ressaltar que a nova proposta pode ser ótima e de acordo com todos os interesses da criança), mas mesmo assim esta segunda proposta quebra o tempo que pertencente a Kairós.

Às vezes separa tudo e depois monta, com toda a sua calma, e neste processo não há uma vez em que ela precise de mais algum material. Tudo o que ela precisa está ali, como se já soubesse exatamente o que quer fazer, desde do início da sua busca pelos elementos do jardim.

Às vezes a busca pelos elementos demanda andar pelo jardim e conforme encontra algo que lhe interessa já começa a esboçar uma cria-



Enfeite feito durante um longo processo de entrega. Eu, particularmente, acho absolutamente harmonico e delicado pelos elementos escolhidos e a forma como ela organizou-os.

ção. Nesta opção é possível ver como ela classifica os elementos, todos os elementos que escolhe são do mesmo tipo. Quando não encontra mais do mesmo tipo (ou se dá por satisfeita?), busca outros elementos, mas desde que neste novo grupo também sejam todos iguais. Desta forma a construção é feita: aos poucos, num ir e vir, dependendo de cada grupo de elementos que encontra. Impossível distinguir o que vem primeiro: a ideia do que fazer ou a quantidade do elemento encontrado.

Nesta procura de elementos para o "enfeite", se por algum fator externo, (como os cachorros ou o irmão) ela se dispersa, para o que esta fazendo conversa, brinca, mas quando retorna a sua brincadeira, me dá a impressão que ela volta exatamente para o ponto em que parou.

Apesar de parecer que Gaia sabe exatamente o que quer e o que necessita, quando eu a observo não acho que ela tem um ideal pronto desde o início do que ela deseja como produto final, é tudo muito fluido e natural. Nunca a ouvi dizendo: quero fazer um círculo, quero organizar do maior para o menor, ela simplesmente o faz.



Nesta sequência de fotos, as etapas na construção de um enfeite.

FORMAS CIRCULARES NOS ENFEITES

40

Algumas das criações da Gaia tem formas circulares. Os elementos escolhidos, com suas cores, tamanhos e formatos formam um desenho como uma grande comunhão no encontro de todos os elementos. A criação dos círculos, assim como tudo o que ela faz, surge de uma forma espontânea, sem “estudo” prévio ou uma pesquisa de como fazer o círculo ficar perfeito, ele simplesmente fica.

Mais uma vez, cito Maria Amélia Pinho Ferreira (2013, pág 211) para elucidar:

“O mistério harmonioso das formas circulares que vemos surgir muitas vezes nas expressões das crianças tem a unidade como uma de suas características. Essas formas brotam como gestos simples e espontâneos, onde quer que as crianças possam estar em liberdade do ato de brincar. Numa concentração sem esforço a criança compartilha de uma forma interna, de uma harmonia que vai se revelando em formas que parecem ser continentes de uma força vital expressando algo que encontrou o seu lugar.

O silêncio é a grande fala deste momento, o corpo é o grande companheiro dessa jornada, e a mão é a internamente ferramenta de uma vontade distante. “

Neste enfeite criado dentro da cadeirinha amarela, que estava acima de um banco, a primeira ação de Gaia foi trazer uma série de florzinhas do mesmo tipo (como relato no capítulo anterior) . Ela trouxe com a mãozinha em forma de concha cheia das pequenas florzinhas e logo que colocou na cadeira já as organizou para que ficassem juntas e no formato do círculo. Até finalizar o “enfeite” inteiro ela não precisou mais mexer no centro ou retocá-las e tudo partiu dessa primeira etapa do trabalho.

Os outros elementos pegos foram dando limite a este círculo inicial, como se fossem fechando-o, ou cercando-o, com diversas camadas: paus e folhas. Há no produto final feito por ela um elemento harmônico e simétrico. Onde pequenas acerolas dão as cores, e pequenas cascas de sementes como finalizadores do grande círculo.



Enfeites circulares. Detalhe da flor rosa no meio de tantas amarelas (foto esquerda) e das folhas de abacate que dão limite as pequenas flores centrais (foto da direita).

42



Flores amarelas de ipê enfeitando um cesto de palha.

O OLHAR SOBRE O BELO

A potência de suas produções é demonstrada também via seus movimentos corporais, sua mãos, sua falas, suas músicas inventadas e seus silêncios.

Nas palavras da artista Fayga Ostrower (2005, pág 5):

“Criar é, basicamente, formar. É poder dar uma forma a algo novo. Em qualquer que seja o campo de atividade, trata-se, nesse “novo” de novas coerências que se estabelecem para a mente humana, fenômenos relacionados de modo novo e compreendidos em termos novos. O ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender; e esta, por sua vez, a de se relacionar, ordenar, configurar, significar”.

43

Gaia é atenta aos detalhes da natureza, comum falar sobre os desenhos internos das flores : **“os desenhos são todos iguaizinhos!”** ou **“esta daqui parece que passou um risco”** (se referindo às retas perfeitas de uma flor). Comenta a respeito das cores do jardim: **“aqui em casa tem pitanga laranja, pitanga vermelha e esta mais escura ainda”, “como faz este roxo com a tinta?”** (se referindo a uma orquídea). Repara nas cores do céu: **“o céu mudou de cores muitas vezes hoje, não está mais igual da hora que a gente acordou”**. Sente os cheiros ao seu redor: **“essa flor tem um cheiro muito bom, dá para fazer perfume com ela”, “lá no final do jardim esta com cheiro de terra”...**

Seria esta sua relação atenta e sensível com a natureza que faz com que seus enfeites sejam tão harmônicos? Não há excessos, e nem a falta, e apesar dos elementos no jardim serem inesgotáveis: há o momento que ela simplesmente termina e fica absolutamente satisfeita com o resultado final. Não consigo distinguir por que isso acontece: se está cansada, se quer partir para outra brincadeira ou se já preencheu algo interno.



Com os mesmos elementos de um enfeite já pronto, ela desmonta para montar outro. Desta vez encaixa de pé as flores vermelhas do mulungu.

E QUANDO TERMINA O PROCESSO DOS ENFEITES?

Quando termina seus “enfeites” com os elementos encontrados no jardim, Gaia larga-os onde construiu. Quando coloca o último elemento, sai correndo e parte para fazer outra coisa: encontrar o irmão, procurar uma bola.

Quando questionada, onde está seu enfeite ela responde com indiferença: “*Lá fora.... não sei*”,

A relação de Gaia com o seu “enfeite” pronto mostra como o valor e a importância está no tempo de entrega, na dedicação que envolve suas buscas pelo jardim com intenção de achar algo específico (ou não), na sua imersão na brincadeira com suas falas e diálogos com seus personagens imaginários, na sua entrega interna que vai além de um objetivo final, o processo, neste caso, é o mais importante.

Aqui, penso um pouco à respeito dos valores e os comportamentos que trago comigo, onde o produto final deve ser mostrado, valorizado, fotografado, exposto.... (ainda mais se pensarmos em escola). No caso, de Gaia, as maravilhas produzidas (aqui mãe falando) não são para sempre, são momentâneas e quando o processo termina a importância do enfeite terminou também.



Restos de enfeites e construções feitas por Gaia.

GAIA COM ELA MESMA

As crianças estão brincando no jardim ao lado, da minha tia: Enrico de 8, Kim de 6, Rosa de 5 e Gaia de 3 anos. A brincadeira envolve correria: um tipo de pega-pega com muito falatório: quem pegou quem, se valeu ou se não valeu, se o pegador tem que pegar novamente e por aí vai... É a caçula do grupo, mas bastante acolhida pelas crianças, elas sabem que Gaia não conseguirá pegar as crianças mais velhas naquele espaço tão grande. As crianças se oferecem para pegar por ela e a ajudam a fugir. Aos poucos Gaia começa a se distanciar da brincadeira, vai se desligando, devagarinho, já não liga mais quem é o pegador ou para onde deve fugir. Senta. Dá risada para as crianças e, aos poucos, começa a olhar para o chão, não quer mais saber da brincadeira. As outras crianças nem perguntam por ela, percebem que ela não quer mais aquele pega-pega.

46 Gaia começa então uma brincadeira sozinha. Intercala momentos de fala (sozinha) com silêncios. Levanta e atravessa a cerca. Vai para o nosso jardim e lá fica na sua brincadeira sozinha com buscas pelo jardim. O falatório das crianças no outro jardim permanece, mas Gaia já está em "outra", parece não ouvir.

Segundo o filósofo, Gaston Bachelard (2018, pág 102):

"A criança conhece um devaneio natural de solidão, um devaneio que não se deve confundir com o da criança amuada. Em suas solidões felizes, a criança sonhadora conhece o devaneio cósmico, aquele que nos une ao mundo."

Neste trecho de Bachelard ele parece descrever a Gaia em suas brincadeiras particulares (algo que não consegui, minha simples descrição foi que ela estava em "estava em outra"). Está feliz e plena ao brincar sozinha, sonha acordada e se conecta com algo que eu não vejo, só sinto.

Bachelard ainda escreve:

"Na solidão a criança pode acalmar seus sofrimentos. Ali ela se sente filha do cosmos, quando o mundo humano lhe deixa a paz. E é assim que nas suas solidões, desde que se torna dona dos seus devaneios, a criança conhece a ventura de sonhar, que será mais tarde a aventura dos poetas."

Mais uma vez Bachelard me salva e coloca em palavras aquilo que não consigo descrever: *“quando o mundo humano lhe deixa em paz”*. Às vezes me parece exatamente isso: Gaia, literalmente troca de jardim para ficar sozinha na sua brincadeira, procura um espaço físico onde só estará ela, mais ninguém, sem humanos! Ela vai atrás dessa solidão para finalmente ficar em paz e em contato com algo que lhe acalma, mas que ao mesmo tempo potencializa sua brincadeira, seus sonhos.

Enxergo aqui os benefícios da criança ter a possibilidade de estar sozinha, desta forma, não há perguntas externas ou necessidades de explicações para outra pessoa o devaneio, desta forma, é fluido e interior.



Gaia se afasta das outras crianças para ficar sozinha em seus devaneios.

REFLEXÕES

Para Larossa (2002, pág 1)

“a experiência é “isso que me passa”, o sujeito da experiência é como um território de passagem, como uma superfície de sensibilidade em que algo passa e que “isso que me passa”, ao passar por mim ou em mim, deixa uma vestígio, uma marca, um rastro, uma ferida”.

48

A marca ficou! A experiência intensa de observar a Gaia neste meu jardim, foi misturada com várias sensações e de diferentes aspectos. Ainda não tenho a certeza de ter feito um trabalho antropológico. Olhar uma criança desconhecida e conseguir, através do trabalho etnológico, ver, escutar e sentir o mundo a partir do que ela trás deve ser algo muito potente: conhecer uma cultura por meio do olhar da criança!

Observar minha própria filha também foi forte: uma mistura de orgulho, com beleza, com surpresa e admiração. Descobri apenas durante a escrita do trabalho o que ela estava me mostrando nestas inúmeras brincadeiras sozinhas pelo jardim: a potencia ao brincar sozinha comungando com os elementos da natureza.

Uso das palavras de Katia Aguiar e Silvana Mendes no livro *Pesquisar na diferença, Alfabetário* (2012, pág 161) para definir o verbo “observar” dentro da antropologia:

“No ato de observar/pesquisar, algo como um ativar a faculdade do esquecimento para, desse modo, visibilizar os tensionamentos, os corpos, os jogos, o trânsito, os encontros, as e entrelinhas, as formas de resistir. Perspectivas de pensamento em que olhar/observar é, igualmente, captar movimentos, que se atém ao campo de forças que se encontram em jogo nos acontecimentos e que faz emergir não objetos mas objetivações. Exercício que comporta uma espécie de ação estrangeira. [...]. Neste desdobrar, observar é também intervir, desfocar, problematizar, abrir caminho à virtualização no sensível, à presença do invisível na imagem, a uma atmosfera...”.

No meu caso, para esta observação ser do campo antropológico, isto quer dizer: observar sem julgamentos, me permitir entrar em contato com as minhas próprias sensações e reações. Tive que fazer um esforço de me desapegar, ou tentar, de anos de prática observando crianças em escolas com o objetivo de se fazer um relatório final com a descrição da criança em seus atos, contemplando suas facilidades e dificuldades e, assim, concluindo para futuros caminhos potenciais para “promover” e “colaborar” na formação da mesma. Papel da escola.

Acredito que este processo de conscientização da importância de se desprender do olhar e da escrita pedagógica, o que chamei de limpeza, colaborou para que a observação fosse marcada pela sensibilidade. Foi como se estivesse olhando de uma camada mais abaixo, mais profunda, comparando com as observações realizadas na minha carreira. O que os movimentos, falas, músicas, silêncios e concentrações reverberavam em mim? Como me tocavam? O que eu sentia?

Gaia frequentou a Casa Redonda dos 2 aos 3 anos e meio (antes da pandemia). Lá ela já tinha o contato livre com o jardim na sua potência, em um espaço de respeito aos tempos livres e pesquisas próprias. Será que isso de alguma forma colaborou para esta sua sintonia tão próxima com o jardim e suas longas pesquisas pessoais aqui em casa?

Segundo Maria Amelia Pinho Pereira (2013, pág 161)]:

“A simplicidade, harmonia e beleza são qualidades que definem a escolha dos materiais que farão parte do ambiente de circulação das crianças. Nossa atenção à disposição dos objetos no espaço é constante, não só pela vibração harmoniosa ambiental que esse cuidado estabelece efetivamente, mas também, como agente determinante da saúde física, emocional, mental e espiritual das crianças, uma vez que se torna o valor de referência.

Desta forma, será que as escolas, com seus professores, também podem ter este papel transformador e de ligação com o tempo fluido, com a harmonia e com o estar sozinho?

Vale reparar que ao longo do meu trabalho de conclusão de curso de antropologia, uma das minhas grandes referências para enxergar esta criança que sabe e que sente, foi a própria Maria Amélia Pinho Pereira, fundadora da Casa Redonda. Grande exemplo de educadora pelo trabalho que ela desenvolve neste espaço onde ela quebrou paradigmas, se instrumentalizou de teorias e de ótimos profissionais para criar uma escola na qual a criança é única e está ligada a algo muito mais profundo e conectado do que a formalização e a sistematização de conteúdos.

Ao ver Gaia fazendo seus “enfeites” o que mais senti foi paz (no sentido mais simples - ou mais amplo? - da palavra), pelo silêncio, pela calma e pela delicadeza das suas mãozinhas, o movimento do seu corpo, a escolha, a busca, e os “enfeites” prontos. Em todos os processos da confecção dos “enfeites”, não houve interferências exteriores: não houve convite para que ela começasse a realizar seus enfeites, indicações do que ela deveria colocar, de como organizar, de onde buscar e de como finalizar. Tudo foi feito espontaneamente por ela, no momento dela e sozinha no jardim. E por tudo isso, fica o meu questionamento: de onde vem este senso estético, a beleza? Ou seria harmonia da Gaia ao produzir seus “enfeites”? Seria algo inato? Ou algo que ela observa na própria natureza e, de alguma, forma reproduz? Afinal, não havia materiais pré-selecionados ou sugestões do que fazer.

Faço aqui um devaneio pessoal: seria a paz que senti o estado de alma proposto por Bachelard (2018, pág 125) ? “Em nós, ainda em nós, sempre em nós, a infância é um estado de alma. E neste estado de alma, vamos reencontrá-lo nos nossos devaneios. Ele nos ajuda a pôr o nosso em repouso”.

Há um outro elemento bastante transformador ao observar a relação da Gaia com seus “enfeites”, foi o fato dela não se importar com o que acontecia com eles depois da montagem. Quando terminava, terminava e pronto. Rapidamente passava para outra brincadeira e não mais retornava para aquele enfeite criado. Como algo que teve uma montagem tão longa e uma dedicação tão profunda deixa de ser importante?

50 Confesso que alguns “enfeites” eu os recolhi. Trouxe-os para dentro de casa. Ela chegou a me perguntar por que eu tinha trazido, não com um tom de reprovação, mas como se eu tivesse tido uma ideia que ela não havia sentido. Mas para ela o fato de ter guardado, não mudou sua relação com o “enfeite”: a importância só se dá quando ela coloca o último elemento na sua construção.

Além deste enfeite harmônico, um outro ponto importante e bastante significativo ao observá-la, foi a potência do brincar sozinha. A não necessidade de ter alguém com ela, a escolha dela por mergulhar nas suas brincadeiras pelo jardim sozinha, o tempo longo de duração desta brincadeira onde ela cria, inventa, se envolve, ri, canta, fala e se satisfaz de forma plena.

Vale lembrar que quando me debrucei nas brincadeiras livres neste jardim de afeto com a minha filha, estávamos em um tempo de quarentena.

Para ela o tempo de quarentena é marcado por outras rotinas, (diferentemente de antes a pandemia): quando terminava a aula online do irmão e que ele vinha para o jardim, pela hora do almoço e recolhimento no final da tarde. Todos os dias estávamos por aqui: ela no jardim com suas pesquisas e brincadeiras livres e o resto das pessoas da casa em seus afazeres.

Será que este tempo livre colaborou para estes longos períodos de entrega (silêncios, conversas com ela mesma, busca pelo elemento essencial e a criação de um enfeite) da parte dela? Esta frequência assídua no jardim, todos os dias, todas as horas fez com que começasse a enxergar

pequenas diferenças nas coisas, diferenças que só ela via, mas por isso escolhas tão demoradas? Será que pelo fato dela saber que no dia seguinte ela estaria no mesmo lugar, este tempo livre foi especial para ela?

Terminei o trabalho ainda em quarentena, Gaia voltou a frequentar por dois meses a Casa Redonda, mas depois tivemos que nos fechar novamente. Gaia fala da escola, quer a festa de São João de qualquer jeito, mas não vi, no caso dela, um efeito devastador ou prejudicial neste período em que estava em casa, talvez pela idade, talvez por estarmos todos bem, talvez pelo espaço incrível e privilegiado que temos.

Espaço que comporta movimento e experimentos do corpo, espaço que mostra a vida e as transformações na natureza, espaço que possibilita estar sozinho e com muitas pessoas.



Se escondendo do "colona vilus".

BIBLIOGRAFIA

BACHELARD, Gaston. A poética do Devaneio. Tradução Antonio de Padua Danesi, 4 ed, São Paulo, WMF Martins Fontes, 2018

BARROS, Manuel de. Meu quintal é maior do que o mundo, 1 ed, Rio de Janeiro, Objetiva, 2015

COHN, Clarice. Antropologia da criança, 3 ed, Rio de Janeiro, Zahar, 2013

CORSARO, William. Entrada no Campo, Aceitação e Natureza da Participação nos Estudos Etnográficos com Crianças Pequenas. Educação e Sociedade. Campinas, v. 26, n. 91, p. 443-464, maio/ago. 2005

FONSECA, Tania Mara Galli; Nascimento, Maria Livia do; Maraschin, Cleci. (org). Pesquisar na diferença: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2012.

FRIEDMANN, Adriana. Escuta e observação das crianças, processos inspiradores para educadores, São Paulo, Centro de Pesquisa e Formação Sesc, 2018

FRIEDMANN, Adriana. Paisagens infantis: uma incursão pelas naturezas, linguagens e culturas das crianças, São Paulo, 2011, 254 p, Dissertação (Ciências Sociais) – Faculdade Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011

INGOLD, Tim. Antropologia e/ou educação. Tradução Vitor Emanuel Santos Lima, Leonardo Rangel dos Reis, 1 ed, Petrópolis, Vozes, 2020

JUNG, Carl. O homem e seus símbolos. Tradução de Maria Lucia Pinho, 3 ed, Rio de Janeiro, Harper Collins, 2020

LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do

Sul, v.19, n2, p.04-27, jul./dez. 2011

LAROSSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi, Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Linguística, Revista Brasileira de Educação, Revista Brasileira de Educação, 2002.

LE BRETON, David. Antropologia dos sentidos. Tradução de Francisco Morás, 3 ed, Petrópolis, Vozes, 2016

LOUV, Richard. A última criança na natureza, resgatando nossas crianças do transtorno do déficit de natureza. Tradução Alyne Azuma, Claudia Belhassof, 1 ed, São Paulo, Aquariana, 2016.

MEIRELLES, Renata. Giramundo e outros brinquedos e brincadeiras dos meninos do Brasil, 1 ed, São Paulo, São Paulo, Terceiro Nome, 2007

OSTROWER, Fayga. Criatividade e Processos de Criação, 19 ed, Petrópolis, Vozes, 1977.

PEREIRA, Maria Amélia Pinho. Casa Redonda uma experiência em educação, 1 ed, São Paulo, Editora Livre, 2013

SALÓ, Julia; Barbuy, Santiago. Terra, água, ar, fogo para uma oficina escola inicial, Tradução: equipe editora Cultura Espiritual, 1 ed, São Paulo, 1977

SALLES, Cecilia Almeida. Redes da Criação, construção da obra de arte, 2 ed, São Paulo, Editora Horizonte, 2006

SALLES, Cecilia Almeida. Gesto inacabado, processo de criação artística, 5 ed, São Paulo, Intermeios, 2013

53



Momento de escrita e de espera.

